Paulo Varela Gomes
Público / 16.05.06

«Sobre Carrilho, duas coisinhas que se arriscam a ficar esquecidas no meio da confusão: foi o melhor ministro da Cultura que o país teve desde o 25 de Abril e, se tivesse sido eleito para a Câmara de Lisboa, teria sido, muito possivelmente, a personalidade de que a cidade desesperadamente precisa desde Duarte Pacheco, nos anos de 1940.

O problema de Carrilho é que não percebeu que os políticos não podem ser "famosos" como são os outros "famosos", jogadores de futebol, actores e actrizes, apresentadores de televisão, "famosos" profissionais. A todos estes, os *media* pedem a exibição da vida familiar e de alguns pecadilhos. Todos estes podem dar facadas nos casamentos e noivados, apanhar bebedeiras, descobrir o corpo à beira de piscina, vender direitos sobre fotografias, etc. Sem isso não teriam interesse mediático.

Mas os políticos não. Os políticos da era da televisão da televisão e da democracia de massas têm de parecer humanos mas não podem verdadeiramente sê-lo. Devem ter e exibir discretamente uma vida familiar, sim, mas apenas de dói tipos: ou a do avozinho simpático tipo Cavaco Silva ou a do robot sem verdadeira vida familiar, como Blair ou Sócrates.

Devem mostrar sentimentos, mas apenas os mais banais e com o maior "sentido de Estado" Ai deles se dão a mais pequena escorregadela. Se aparentam ter qualquer afecto pronunciado. Se alteram a voz. Se se ofendem. Os *media* dão cabo deles sem nenhuns escrúpulos. E depois vêm queixar-se (todos contentes) de que os políticos que temos não valem nada e não têm nenhum interesse humano.
Carrilho devia ter percebido isto? Não sei porque é que devia. Tão pouca gente percebe.»